

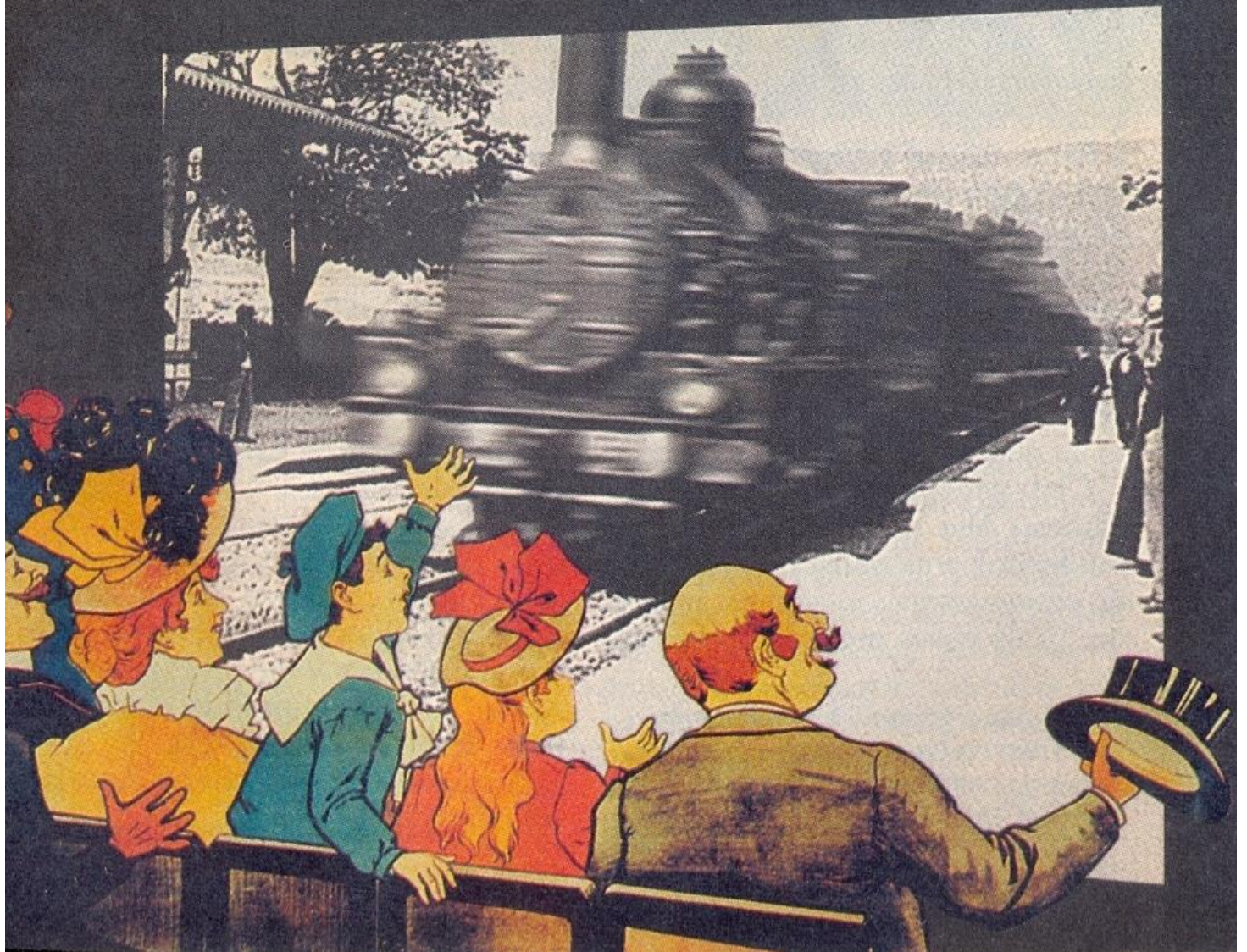
NAQUELE VERÃO de 1895, François Clerc, jardineiro do industrial Antoine Lumière, estava ocupado, trabalhando na horta da fábrica de processamento de alimentos em Monplaisir, Lyon, quando avistou os três filhos do patrão. Aproximando-se com um ar conspirador, Auguste, de 33 anos, Louis, de 31, e Edouard, de 11, transportavam uma caixa de aspecto estranho. No gramado, Louis montou um tripé, no qual Auguste colocou a caixa, que tinha uma lente de vidro e uma manivela semelhante às dos moinhos de café.

«François», pediu Louis. «Quer pegar a mangueira e regar as plan-

Há mais de cem anos, esses visionários inventores revolucionaram nossa forma de encarar o mundo.

Os fabulosos irmãos Lumière

JEAN-MARIE JAVRON



tas que estão à sua frente? Não se preocupe conosco.»

Enquanto François Clerc fazia o que lhe fora pedido, um jovem aprendiz da fábrica apareceu por trás dele e pisou na mangueira, obstruindo a passagem da água. Quando o jardineiro, surpreso, foi olhar o bico da mangueira, o rapaz levantou o pé, fazendo Clerc apanhar um jato de água no rosto.

Nessa manhã, com seu filme *L'Arroseur Arrosé* (*O Regador Regado*), os irmãos Lumière tornavam-se os primeiros diretores da sétima arte, o cinema. Hoje, um século depois, não conseguimos sequer imaginar o que seria a vida sem ele.

«É NISSO que devemos nos concentrar», disse certo dia Antoine a Louis Lumière, em setembro de 1894, quando regressavam de uma viagem a Paris. Abriu, então, uma grande embalagem que continha uma peça de mobiliário com 1,20 m de altura. Parecia um armário de gavetas comum, mas se alguém se debruçasse e olhasse pelas duas lentes que tinha na parte de cima, se surpreenderia ao ver imagens em movimento ali dentro.

Com patente do norte-americano Thomas Alva Edison (o inventor do fonógrafo), a máquina tinha o nome de cinetoscópio e existia no mercado, havia vários meses, ao preço as-

tronômico de 6000 francos (mais de 120 000 francos atuais)!

Antoine Lumière era um dos poucos franceses capazes de compreenderem o significado dessa descoberta. Nascido a 13 de março de 1840 no seio de uma modesta família de fabricantes de carroças que vivia em Ormoy, uma aldeia no Leste da França, ele era um apaixonado pelo progresso, não levando muito tempo para se estabelecer como fotógrafo em Lyon.

Por volta de 1880, o belga Désiré van Monckhoven criou um novo processo de revelação de fotografias denominado «chapa seca», que acabou com a necessidade de banhar as chapas com colódio úmido antes de serem utilizadas. Mas a chapa seca era um processo dispendioso demais para Antoine Lumière, que, por isso, decidiu criar ele próprio um sucedâneo. Noite após noite, tentou misturar substâncias diferentes (que media com a balança de cozinha da mulher), mas sem sucesso.

Seria seu filho, Louis, então com 15 anos, quem encontraria a solução. Tal como seu irmão Auguste, Louis estudava numa das melhores escolas técnicas de Lyon. Ambos tinham queda para a Física e a Química, tendo desde muito cedo aprendido tudo sobre fotografia com o pai. Quando contavam 14 e 12 anos, respectivamente, durante umas férias na Bretanha, os dois transformaram uma gruta num laboratório, onde revelavam fotografias. Ali juraram também permanecer juntos até o fim da vida.

Na página anterior, «A Chegada de Um Trem na Estação de La Ciotat» e o segundo cartaz para o Cinematógrafo, feito em 1896 por Auzolle.

OS FABULOSOS IRMÃOS LUMIÈRE

Utilizando uma balança emprestada por um farmacêutico local (muito mais precisa que a da mãe), Louis daria um passo em frente em relação a Monckhoven. A chapa por ele inventada não só produzia resultados melhores e mais rápidos como podia ser fabricada em escala industrial.

Antoine decidiu comercializar a descoberta do filho. Vendeu sua loja de fotografia, contraiu um empréstimo e transformou um velho armazém de chapéus em Monplaisir numa fábrica. Na época com 17 anos, Louis foi nomeado diretor adjunto. Em 1883, a fábrica empregava dez pessoas, mas dez anos depois esse número ascendera já a 300, contando com uma produção diária de 50 000 chapas. Vendida em todo o mundo com o nome de *Blue Label* (*Rótulo Azul*), essa chapa miraculosa não tardaria a tornar a família Lumière uma das mais abastadas da região. O novo invento continuaria a ser produzido até 1950.

Diletante como sempre, Antoine Lumière deixaria pouco depois o comando da fábrica aos dois filhos. Louis e Auguste adoravam trabalhar juntos. Em 1893, mantendo-se fiéis à jura feita na Bretanha, casaram com duas irmãs (Marguerite e Rose Winckler), com uma diferença de seis meses de um casamento para o outro. A fábrica de Monplaisir expandira-se nesse meio tempo até compreender 6000 m² de oficinas e laboratórios. Pouco depois, os Lumière criavam o filme de rolo em forma de cartucho, registrando ain-

da a patente de diversas outras invenções.

Naquela época, porém, Louis estava completamente fascinado pelo cinetoscópio. A máquina de Edison compunha-se de um filme de celulóide perfurado, de 35 mm de



Auguste e Louis Lumière.

largura, que era passado à frente de uma luz com a ajuda de pequenas rodas dentadas. Tinham sido muitos os inventores que abriram caminho para a descoberta de Edison, mas a maioria de seus instrumentos (batizados com nomes estranhos, como vitascópio, fregolígrafo, panóptico, fototaquígrafo ou andersonoscópio) não passava de brinquedos, que depressa cansavam o público.

Mesmo a máquina de Edison não era perfeita, uma vez que o prazer de ver as personagens animadas era estragado pelos irritantes solavancos que a imagem sofria.

Numa noite de insônia antes do Natal de 1894, Louis começou a fa-

zer esboços de máquinas que pudessem fazer que o filme rolasse de forma mais suave. Os historiadores dizem que ele tivera essa idéia ao ver uma máquina de costura em funcionamento. O mecanismo de tipo alavanca apresentava uma dupla vantagem: não só evitava os movimentos bruscos, como permitia que cada fotograma parasse por um instante à frente da luz projetora, produzindo imagens muito mais nítidas. Esse mecanismo ainda é utilizado em câmeras e alguns projetores hoje em dia.

Louis não cessava sua busca do aperfeiçoamento. Sua intuição dizia-lhe que o futuro estava em projetar imagens numa tela, transformando assim o prazer solitário oferecido pela máquina de Edison num verdadeiro espetáculo que poderia ser partilhado em grupo.

Logo no dia seguinte, começou a desenhar projetos para uma máquina nova, cuja construção confiou a Charles Moisson, um dos principais mecânicos da fábrica. Com o auxílio de Louis e Auguste, Moisson trabalhou sem descanso até construir um protótipo.

Mas a primeira máquina levaria ainda várias semanas a ficar pronta. Pesava 5 kg, ao contrário da de Edison, que pesava 50 kg. O filme perfurado de 35 mm rodava a uma velocidade de 16 fotogramas por segundo, enquanto a lente ampliava as imagens projetadas. E havia ainda um pormenor final que conferia aos irmãos uma clara vantagem: aquela máquina podia ser utilizada tanto

para filmar como para projetar o filme. No dia 13 de fevereiro de 1895, era registrada uma patente em nome dos dois irmãos.

No mês seguinte, numa exibição privada na Sociedade para a Promoção da Indústria Nacional, em Paris, Louis e Auguste apresentaram seu primeiro filme feito com o protótipo: *A Saída das Fábricas Lumière*. No final da projeção, o engenheiro Jules Carpentier ofereceu-se imediatamente para produzir o cinematógrafo em escala industrial. Pouco depois, os irmãos Lumière apareciam com outros filmes, entre os quais o célebre *L'Arroseur Arrosé*.

NO DIA 28 de dezembro de 1895, Antoine Lumière encontrou-se com o ilusionista Georges Méliès, diretor do Teatro Robert Houdin, em Paris. «Está livre hoje à noite?», perguntou-lhe.

«Estou», respondeu Méliès.

«Então apareça no Grand Café às 9», continuou Antoine. «Verá algo que vai espantá-lo.»

À hora marcada, o ilusionista entrava no café, sobre a porta do qual estava uma enorme faixa de pano, onde se lia: «Cinematógrafo Lumière. Entrada: 1 franco.» Méliès desceu até o subsolo, onde fora colocado um lençol entre as duas portas de uma pequena sala. Havia cadeiras, dispostas em filas.

Quando as luzes se apagaram, Antoine, que apresentava a invenção dos filhos, projetou uma imagem parada da Place des Cordeliers, em Lyon. «Foi para isto que viemos

aqui?», perguntou Méliès. «Há dez anos que projeto imagens!»

Mal acabara a frase, a Place des Cordeliers criou vida na tela. «Um cavalo e uma carruagem começaram a mover-se», relataria Méliès mais tarde, «seguidos por outras carruagens e transeuntes. Nós, no público, ficamos estupefatos.»

Apenas com 33 bilhetes vendidos, a primeira exibição pública não foi um grande sucesso, mas a notícia daquela novidade espalhou-se depressa e pouco depois a venda de entradas ascendia já a 2000 por dia. Foram marcadas dezoito exibições diárias, número que todavia se revelou insuficiente para satisfazer a procura. A polícia precisou intervir para controlar a multidão. Durante a projeção de *A Chegada de Um Trem na Estação de La Ciotat*, os espectadores, tomados de pânico, saltaram das cadeiras com receio de serem atropelados pela locomotiva.

Meses depois, Carpentier produziu já 200 câmeras. Nessa altura, o cinematógrafo já ultrapassara as fronteiras de França. Em fevereiro de 1896, os jornais londrinos apresentavam cabeçalhos louvando os irmãos Lumière. Em junho do mesmo ano, em Nova York, o operador de câmara Félix Mesguich era levado em triunfo pelas ruas de Manhattan, enquanto a multidão gritava: «Três vivas aos irmãos Lumière.» Vários outros projecionistas foram imediatamente formados nas Fábricas Lumière e enviados para Boston, Filadélfia, Baltimore, Chicago, Washington e Saint-Louis.

O trabalho do operador de câmara era muito fatigante. Ele tinha não só de filmar durante o dia, revelar a fita na escuridão de seu quarto de hotel e projetá-la nessa mesma noite, como precisava pegar trens noturnos e recomeçar tudo no dia seguinte em outro local. Receando o pânico, todos lançavam um aviso antes do espetáculo: «Os cavalos e as locomotivas não saem da tela!»

Por vezes, os operadores viam-se em situações bizarras: um deles, Alexandre Premio, encontrava-se certa vez em Bremen, na Alemanha, procurando desesperadamente um local escuro onde pudesse recarregar sua câmara. Entrou, então, por uma casa funerária e pediu para utilizar as instalações. Para assombro do empregado, Premio insistiu em ser fechado dentro de um caixão, e foi assim conseguiu trocar a fita.

Mas foi na Rússia que se deram as cenas mais inacreditáveis. Em Nijni-Novgorod, o público ficou tão aterrorizado ao ver as imagens mal iluminadas e em primeiro plano da Virgem Negra de Kazan e do czar Nicolau II (cuja coroação Charles Moisson acabara de filmar) que tomou o projecionista pelo próprio Satanás. «Bruxaria!», gritou um dos espectadores, e Moisson quase foi linchado. Passados dois dias, alguns elementos do público voltaram ao teatro e o incendiaram «para exorcizar o demônio».

No prazo de meses, os operadores de câmara dos irmãos Lumière passaram a acumular uma enorme quantidade de documentários. En-

tre outras coisas, tinham já filmado danças tirolesas, lutadores javaneses, as pirâmides do Egito, o banho de uma criança africana e a colheita do arroz no Japão. Em 1907, a firma podia gabar-se de possuir um catálogo de 2023 filmes.

«**C**OMO é, Auguste, conseguiu alguma coisa hoje?»

«E você, Louis? Ficou contente com seu dia de trabalho?»

Era assim que os dois irmãos se cumprimentavam todas as noites ao deixarem seus laboratórios. Desde os respectivos casamentos que eles viviam em casas tipo duplex junto à fábrica, sendo tão íntimos que por vezes era difícil saber quem inventara o quê. Chegavam mesmo ao ponto de comer juntos, uma semana em casa de Auguste, outra em casa de Louis.

Em 1900, os dois decidiram tornar o cinematógrafo a atração principal da Exposição Universal de Paris. Construíram uma tela de 21 m

de largura por 18 m de altura, instalando um grande cinema. Ao longo de seis meses, seriam mostrados cerca de 150 filmes a mais de 8 milhões de pessoas. Para os irmãos de Lyon, o século terminava em glória.

Nessa altura, é claro, a invenção dos Lumière dera já origem a dezenas de patentes de outras máquinas do mesmo tipo. «Lançamos as sementes e vão ser outros a fazerem a colheita. É a vida!», filosofou Louis certo dia.

Auguste foi-se interessando cada vez mais por Medicina e Biologia, enquanto Louis voltava seu interesse para a fotografia a cores. Em 1903, desenvolveu uma revolucionária técnica fotográfica de chapas coloridas. Pouco antes de morrer, em 1948, exclamaria: «Como me diverti em minha vida profissional!»

Foi, em parte, graças a esse espírito de entusiasmo que os irmãos Lumière legaram ao mundo uma das maiores fontes de educação e divertimento que a história conheceu.

FOTOS: PÁGINA 45 (CHEGADA DO TREM), © DE ASSOCIATION FRÈRES LUMIÈRE/COLLECTION INSTITUT LUMIÈRE, LYON; (CARTAZ), © DE EXPLORER/J.L. CHARMET; PÁGINA 47 (IRMÃOS LUMIÈRE), © DE COLLECTION INSTITUT LUMIÈRE, LYON

Montes de bom gosto

COLINAS verdes com nuvens redemoinhando por cima delas como vapor sobre uma tigela de espinafres chineses. — Ross Terrill, em *National Geographic*

AS CORDILHEIRAS islandesas definem o vale; fortalezas escuras com ameias ainda listradas pela neve do inverno, como merengue branco escorregando pelas encostas de bolos de chocolate.

— Charles N. Barnard, em *Modern Maturity*

MONTANHAS de aquarela como manchas contra o céu.

— Mary Derrick Chaney, em *Press*, Newport News, Virgínia